

Tempo e Planejamento: a experiência formativa do PIBID História/UCS

Eliane Machado Corrêa Cardoso (emccardo@ucs.br)

Katani Maria Monteiro Ruffato (kmmonte@ucs.br)

Ramon Victor Tisott (rvtisott@ucs.br)

Subprojeto PIBID - HISTÓRIA

Curso de História, Universidade de Caxias do Sul

Resumo: O presente artigo busca refletir sobre a trajetória do Subprojeto História do PIBID/UCS através do planejamento de três diferentes propostas didáticas. Destaca-se a importância do tempo para o planejamento oportunizado pelo programa e a riqueza da construção coletiva da docência, ou a docência compartilhada. Tempo para pensar, propor, debater, avaliar, repensar e produzir materiais específicos para cada realidade escolar. Transpor didaticamente os conceitos e teorias para ensinar e ensinar a ensinar História. Eis o desafio.

Palavras-Chaves: planejamento coletivo, representação histórica, formação docente.

Abstract: This article seeks to reflect on the history of the PIBID / UCS History Subproject through the planning of three different didactic proposals. It is important to emphasize the importance of time for the planning of the program and the richness of the collective construction of teaching, or shared teaching. Time to think, propose, debate, evaluate, rethink and produce specific materials for each school reality. Didactically transpose the concepts and theories to teach and teach to teach History. Here is the challenge.

Keywords: collective planning, historical representation, teacher training.

1. INTRODUÇÃO

O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) ao oportunizar o diálogo efetivo entre instituições de ensino superior e escolas da educação básica, busca qualificar a educação brasileira. Acadêmicos, professores do ensino superior e professores das escolas são os principais agentes dessa investida do Estado brasileiro, por meio de uma política pública no sentido de oferecer condições objetivas para esse fim. A distribuição de bolsas de iniciação à docência revela interesse na formação inicial de professores e valorização da profissão docente.

O ensino de História no Brasil, durante um longo período, esteve restrito ao uso de manuais didáticos em sala de aula e ao “estudo dirigido” desses materiais, em grande medida dedicados ao estudo de temas cívicos, prejudicando o desenvolvimento de estudantes ativos, criativos e autônomos. Não só os alunos, mas também o professor, apegado a esse material, pouco aprimora sua função de mediador do conhecimento. Essa forma de ensinar e aprender ainda persiste, afinal, uma cultura escolar não se “desmancha” de uma hora para outra. Entretanto, vemos no atual cenário educacional, no caso específico do ensino de História, mudanças substanciais tanto em relação à forma de ensinar, quanto ao que ensinar e com que materiais didáticos. A literatura sobre o assunto é vasta, sobretudo se levarmos em conta a intensidade com que se tem publicado no campo do ensino de História. Neste texto, pretende-se exemplificar esse modelo de planejamento e construção coletiva da docência, oportunizada pelo PIBID, em três propostas didáticas elaboradas nos encontros semanais do subprojeto de História do PIBID/UCS.

2. Tempo para planejar, planejar coletivamente:

A primeira proposta levou em conta dois aspectos principais: o uso da pesquisa histórica profissional como subsídio para uma aula sobre o Absolutismo e a problematização da representação histórica em imagens e outros artefatos para a compreensão de um conceito.

Obviamente, o tempo para planejar, algo que caracteriza o PIBID, mostrou-se aliado, já que o grupo, orientado pela coordenadora, optou por “didatizar” fragmentos de um texto historiográfico complexo. Trata-se de uma experiência que levou em consideração a reflexão sobre a relação, sempre oportuna, entre o saber acadêmico e o saber escolar.

A aula sobre o Absolutismo foi planejada a partir da leitura da obra do historiador Peter Burke [1] (1994) sobre a construção da imagem pública do rei Luís XIV. Os pibidianos trouxeram para discussão a necessidade de levar para a sala de aula materiais “visíveis” e não apenas texto escrito sobre o assunto. Apoiados no estudo de Burke sobre os diversos suportes nos quais o REI-SOL fez representar o seu poder absoluto, foram selecionadas diversas imagens, as fontes de Burke, que permeavam o cotidiano francês no período. Medalhas, estátuas, tapeçarias, pinturas, moedas, portais, vestimentas fabricam a imagem do rei através dos símbolos que reforçam seu poder político e sagrado para além dos muros dos palácios, esses artefatos se espalham pelo espaço público. Essa foram as imagens, as fontes históricas, escolhidas pelos pibidianos como recurso para trabalhar o tema com os alunos.

A presença de uma ausência na forma de representação (e, portanto, do significado de seus símbolos) e o uso político disso, no passado e no presente, foi o mote para a problematização do conceito de Absolutismo e, em sua forma mais geral, de poder. Essa aula, conforme descreveram os pibidianos em relatório, “foi na segunda-feira seguinte às manifestações nacionais pedindo o impeachment da presidente Dilma Rousseff e o grande objetivo era trabalhar as construções das representações de poder, a partir dos simbolismos. Para isso, partimos do presente, e então, como os slides mostram, levamos a imagem da presidente o que causou um grande alvoroço na sala de aula”.

A questão da representação histórica, um tema do campo da teoria da História tornado saber escolar, os desafios que a leitura de imagens como metodologia de ensino impõe e a mobilização para o conhecimento a partir de uma questão

do presente, foram problemáticas discutidas pelo grupo num processo de prazeroso amadurecimento intelectual e profissional. Essa particularidade do PIBID, possibilitar tardes de estudo e reflexão sobre o que ensinar, por que ensinar, para que ensinar e como ensinar só poderá dar bons frutos.



Figura 1. Imagem retirada da obra de Burke para a aula sobre absolutismo



Figura 2. Imagens da presidente Dilma Rousseff e suas representações

Outro exemplo de planejamento coletivo que marcou a experiência do Projeto História do PIBID-UCS, no segundo semestre de 2016, foi o projeto denominado “Deuses na ZN [2]”. Tratou-se de uma estratégia de ensino sobre a mitologia grega, aplicada a três turmas de sexto ano, que envolveu, além do conhecimento a respeito dos deuses cultuados na Grécia antiga, também cultura pop juvenil contemporânea e análise da realidade da região onde a escola está inserida.

O ponto de partida da abordagem foi as turmas assistirem ao filme *Percy Jackson e o ladrão de raios* (Chris Columbus, 2010), uma aventura ficcional que se passa nos Estados Unidos contemporâneo. O filme conta a história de um jovem estudante que descobre ser um semideus, filho de Poseidon com uma humana, e tem como personagens Zeus, Atenas, Afrodite, Hades, Perséfone, etc.

Os estudantes foram provocados a identificar quais locais da Zona Norte abrigariam cada um dos deuses gregos

estudados nas aulas que precederam e sucederam ao filme. A partir das escolhas das turmas, foi elaborado um jogo de tabuleiro construído sobre a impressão de uma imagem aérea da região.

Como aparece num dos rascunhos produzidos pelos estudantes dos sextos anos (Figura 3), a represa que fornece água para a região abrigaria Poseidon, Atenas ficaria na escola, Apolo na rodovia que cruza a Zona Norte, denominada “Rota do Sol”, por exemplo.

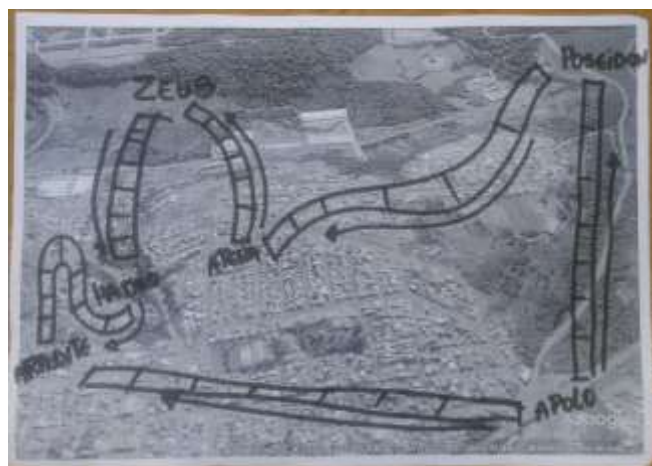


Figura 3. Mapa elaborado pelos estudantes.

Após os estudantes apontarem onde deveriam ser os domínios de cada deus, eles se dividiram em duplas, receberam textos de apoio e a incumbência de realizar questões sobre a mitologia grega.

Cada turma construiu o seu tabuleiro, o que resultou em quatro jogos diferentes, tornando as aulas mais dinâmicas e agradáveis. Além disso, os bolsistas do PIBID avaliaram que o uso dos jogos pelos próprios estudantes que os construíram contribuiu para promover a autoconfiança. Também destacaram que a aplicação, no contexto em que os estudantes vivem, de conhecimentos a respeito de algo tão distante no tempo e no espaço foi uma estratégia para transformar informações relevantes para a formação cultural em conteúdo significativo para eles.

O terceiro modelo de planejamento refere-se à elaboração de um jogo “Perfil”[3]. O objetivo era introduzir conceitos que seriam estudados ao longo do trimestre na turma de 2º Ano do Ensino Médio. Para tornar essa aproximação mais lúdica os pibidianos elaboraram cartas com dez “características” para cada conceito. Tais como: revolução, trabalho, poder, escravidão, educação, mulher, entre outros.

A regra do jogo é que um estudante “vire” uma carta e leia uma das características atribuída ao conceito para toda a turma. A partir desta leitura pergunta-se para a turma se eles sabem a que conceito se refere. Enquanto ninguém acerta mais “pistas” são lidas, até que, através das hipóteses que vão sendo contruídas, a turma chegue a construção do conceito. Exemplos de duas cartas e suas respectivas “pistas”:

EDUCAÇÃO

1 - Muitos me consideram importante, porém poucos realmente conhecem minhas reais funções.

2 - Segundo o Art. 6º da Constituição Federal Brasileira de 1988, sou um direito social garantido a todos os brasileiros.

3 – Perante a legislação nacional, posso ser pública ou privada.

4 – Para alguns teóricos eu deveria ser libertadora.

5 – O modelo pelo qual sou mais conhecida existe desde o séc. XIX.

6 – Alguns acreditam que, através de mim, seria possível o fim da desigualdade social.

7 – O psicólogo Skinner (1904-1990), criou uma máquina pensando em mim.

8 – Por muito tempo, fui exclusiva dos homens, ricos e nobres.

9 – O brasileiro Paulo Freire foi um dos maiores intelectuais da minha área. Para ele, eu só seria válida, partindo da realidade de cada indivíduo.

10 – A origem da minha palavra vem do Latim, e significa “conduzir” ou “levar”.

MULHER

1- Simone de Beauvoir disse que não se nasce assim, torna-se alguém como eu.

2- No Brasil, conquistei direito ao voto em 1932.

3- Carrego a estigma de duas personagens da mitologia cristã.

4- Tenho um dia internacional decorrente de um incêndio em Nova York.

5- Tenho um movimento da minha classe com várias vertentes, responsável pela conquista de muitos de meus direitos.

6- Na Grécia Antiga eu não tinha poder de decisão.

7- Tenho uma posição historicamente de submissão.

8- Não tenho direito a decidir sobre meu corpo.

9- Um dos meus símbolos mais conhecidos representava também o cobre.

10- Depois que descobrimos o fogo, fiquei cuidando dele e

não me deixaram mais sair do seu entorno.

A elaboração das pistas oportunizou muitas horas de debate, pesquisa coletiva entre os pibidianos. Construíram-se muitas relações entre os conteúdos a serem estudados e a relevância do estudo desses conteúdos para a compreensão da realidade presente no cotidiano dos estudantes, numa relação estreita entre saberes e práticas (MONTEIRO, 2007) [4]. Durante a aplicação do jogo o que se viu foi a mobilização e o crescente interesse dos estudantes na elaboração de hipóteses de resposta o que abriu ainda mais oportunidade de relacionamento nem imaginadas durante a preparação do jogo.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As três propostas didáticas aqui apresentadas são uma amostra pequena, mas representativa, das oportunidades de reflexão sobre a prática do ensino de história oferecida pelo PIBID.

A participação de vários estudantes ao longo do programa ampliou a experiência formativa do curso e estabeleceu um vínculo mais estreito entre a formação acadêmica e a prática docente.

Para todos os envolvidos neste processo, coordenadores, supervisores e estudantes do curso e das escolas envolvidas, o tempo dedicado e as trocas realizadas em um planejamento coletivo, ajudam a revelar “os mistérios cotidianos da relação pedagógica” (MEINERZ-GASPAROTTO, 2014) [5]

4. REFERÊNCIAS

[1] BURKE, Peter. *A fabricação do rei: a construção da imagem pública de Luís XIV*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

[2] O título “Deuses na ZN” faz referência à forma como a Zona Norte de Caxias do Sul é chamada por grupos de jovens locais (ZN = Zona Norte), sendo a sigla, inclusive, um dos códigos-assinatura usados em pichações pela cidade.

[3] GIACOMONI, Marcello Paniz; PEREIRA, Nilton Mullet (orgs.). *Jogos e Ensino de História*. 1ª edição, Porto Alegre, Evangraf, 2013.

[4] MONTEIRO, Ana Maria. *Professores de História: entre saberes e práticas*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

[5] MEINERZ, Carla Beatriz; GASPAROTTO, Lucas André. Professores em formação: pensando os mistérios cotidianos da relação pedagógica. *Currículo Sem Fronteiras*, v.14, n.1, p.18-30, jan./abr. 2014.